

v.2, n.11, 2025 - Novembro

REVISTA O UNIVERSO OBSERVÁVEL

**COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA E AMPLIADA (CAA) NO
DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM EM CRIANÇAS COM TEA**

Marcelo Jacob Junior¹

Revista O Universo Observável
DOI: 10.5281/zenodo.17619354
[ISSN: 2966-0599](https://doi.org/10.5281/zenodo.17619354)

¹Fonoaudiólogo, pela Universidade do vale do Itajaí (Univali).

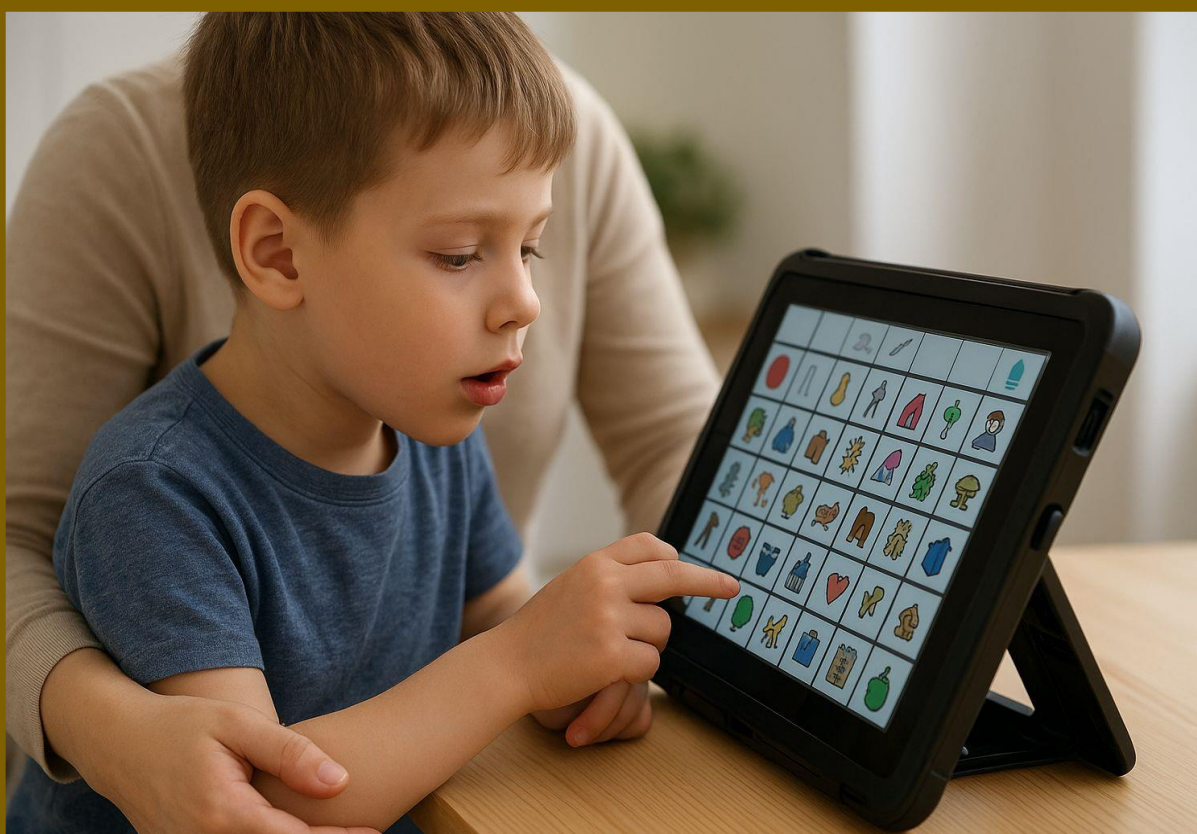
E-mail: marcelo_junior_15@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9109-617X>



COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA E AMPLIADA (CAA) NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM EM CRIANÇAS COM TEA

Marcelo Jacob Junior



PERIÓDICO CIENTÍFICO INDEXADO INTERNACIONALMENTE

ISSN

International Standard Serial Number
2966-0599

www.ouniversoobservavel.com.br

Editora e Revista

O Universo Observável

CNPJ: 57.199.688/0001-06

Naviraí – Mato Grosso do Sul

Rua: Botocudos, 365 – Centro

CEP: 79950-000

RESUMO

A Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA) tem se destacado como um recurso fundamental para o desenvolvimento da linguagem e da comunicação funcional em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), justificando-se pela necessidade de ampliar as possibilidades expressivas diante das dificuldades na fala, interação social e compreensão verbal frequentemente presentes nesse público. Este estudo tem como objetivo analisar a contribuição da CAA no desenvolvimento linguístico de crianças com TEA, identificar os principais sistemas utilizados, compreender os critérios de escolha desses recursos e avaliar seus impactos no processo comunicativo e social, partindo da hipótese de que o uso sistemático e individualizado da CAA favorece avanços significativos na autonomia e na interação. A pesquisa foi desenvolvida por meio de revisão bibliográfica baseada em estudos científicos, diretrizes terapêuticas e referenciais psicopedagógicos, permitindo examinar evidências sobre diferentes métodos de intervenção, tipos de sistemas de CAA e suas aplicações clínicas e educacionais. Os resultados apontam que o uso da CAA promove melhorias expressivas na comunicação funcional, amplia o repertório linguístico, fortalece vínculos sociais e favorece o engajamento da criança em atividades escolares e terapêuticas, especialmente quando integrada a práticas interdisciplinares e ao envolvimento familiar. Conclui-se que a CAA desempenha papel essencial na promoção da autonomia comunicativa e na inclusão de crianças com TEA, sendo indispensável sua utilização planejada, contínua e adaptada às necessidades individuais, com implicações importantes para profissionais da saúde, educação e áreas afins que atuam no desenvolvimento da linguagem infantil.

Palavras-chave: Comunicação Alternativa e Ampliada; Transtorno do Espectro Autista; Desenvolvimento da Linguagem.

ABSTRACT

Augmentative and Alternative Communication (AAC) has emerged as a key resource for developing language and functional communication in children with autism spectrum disorder (ASD), justified by the need to expand expressive possibilities given the frequent difficulties in speech, social interaction, and verbal comprehension presented by this population. This study aims to analyze the contribution of AAC to the linguistic development of children with ASD, identify the main systems used, understand the criteria for choosing these tools, and evaluate their impact on communication and social interaction, based on the hypothesis that systematic and individualized use of AAC fosters significant progress in autonomy and engagement. The research was carried out through a literature review grounded in scientific studies, therapeutic guidelines, and psychopedagogical frameworks, enabling the examination of evidence regarding different intervention methods, types of AAC systems, and their clinical and educational applications. The results indicate that AAC use promotes meaningful improvements in functional communication, expands linguistic repertoire, strengthens social bonds, and enhances children's engagement in educational and therapeutic activities, especially when integrated with interdisciplinary practices and family involvement. It is concluded that AAC plays an essential role in promoting communicative autonomy and inclusion of children with ASD, making its planned, continuous, and individualized application indispensable, with important implications for professionals in health, education, and related fields involved in child language development.

Keywords: *Augmentative and Alternative Communication; Autism Spectrum Disorder; Language Development.*

1. INTRODUÇÃO

A Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA) tem se consolidado como uma das ferramentas mais importantes no contexto clínico, terapêutico e educacional voltado a crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Considerando que o TEA se caracteriza por dificuldades significativas de comunicação, interação social e expressão linguística, a CAA surge como um recurso capaz de ampliar caminhos comunicativos, oferecendo ao sujeito meios eficazes de expressar desejos, emoções, necessidades e pensamentos mesmo quando a fala oral não está disponível ou não se desenvolve de maneira

funcional.

Dentro desse cenário, torna-se essencial compreender como a CAA contribui para o desenvolvimento da linguagem, de que maneira favorece a autonomia comunicativa e quais impactos gera no processo de socialização dessas crianças, especialmente quando aplicada por profissionais capacitados e em contextos estruturados, que respeitam o ritmo e as particularidades sensoriais e cognitivas de cada indivíduo.

A problemática que norteia este estudo reside na constatação de que muitas crianças com TEA apresentam limitações expressivas que dificultam a construção da linguagem, levando a

frustrações, barreiras comunicativas e prejuízos no desenvolvimento global. Sem estratégias alternativas, essas limitações podem comprometer a participação social, o engajamento em atividades escolares e a capacidade de interação com familiares e profissionais da saúde e educação.

Dessa forma, questiona-se: de que maneira a CAA pode favorecer o desenvolvimento da linguagem e das interações sociais de crianças com TEA, reduzindo barreiras comunicativas e promovendo autonomia? A hipótese central deste trabalho é que o uso estruturado, contínuo e personalizado da CAA contribui de forma significativa para a ampliação das habilidades comunicativas, possibilitando avanços na linguagem receptiva e expressiva, melhora no comportamento social e maior participação em atividades cotidianas, tanto em casa quanto no ambiente escolar e terapêutico.

A relevância do tema se justifica pela crescente prevalência de casos de TEA no Brasil e no mundo, o que exige do campo educacional e clínico práticas eficazes, fundamentadas teoricamente e comprovadas cientificamente. Além disso, a CAA, por ser uma estratégia inclusiva, interdisciplinar e adaptável, representa um recurso indispensável para garantir o direito à comunicação um direito humano fundamental. Investigar seus impactos torna-se essencial para aprimorar protocolos de intervenção, fortalecer processos de ensino-aprendizagem e ampliar as possibilidades de desenvolvimento de crianças que enfrentam desafios significativos na comunicação oral.

Assim, compreender os benefícios, desafios e limites da CAA contribui tanto para o avanço da prática profissional quanto para a construção de ambientes mais inclusivos e responsivos às necessidades das crianças com TEA.

A justificativa deste estudo também se apoia no fato de que muitos profissionais, famílias e instituições ainda desconhecem o potencial transformador da CAA ou não sabem como aplicá-la de maneira adequada e contínua. Em diversos casos, sua implementação ocorre de forma fragmentada, sem alinhamento entre escola, clínica e ambiente familiar, o que compromete a eficácia do recurso.

Além disso, muitos mediadores não possuem formação adequada para avaliar, selecionar e adaptar os sistemas de CAA às particularidades de cada criança, dificultando o progresso esperado. Portanto, investigar a CAA a partir de uma abordagem teórica e prática contribui para preencher lacunas existentes, promovendo conscientização, qualificação e uso adequado desse recurso, que se mostra não apenas auxiliar, mas fundamental no desenvolvimento global de crianças com TEA.

Diante desse panorama, os objetivos deste estudo consistem em analisar o papel da Comunicação Alternativa e Ampliada no desenvolvimento da linguagem de crianças com TEA; identificar os diferentes tipos de sistemas de CAA e seus critérios de escolha; avaliar os impactos da CAA na comunicação funcional e nas interações sociais; e compreender como sua aplicação, quando estruturada de maneira interdisciplinar e contínua, favorece a autonomia comunicativa e o engajamento social dessas crianças.

Busca-se, ainda, apresentar evidências teóricas que sustentem a eficácia da CAA e discutir aspectos práticos de sua implementação, destacando tanto seus benefícios quanto seus desafios. Com isso, este estudo pretende contribuir para a ampliação do conhecimento na área, fortalecendo práticas clínicas e educacionais que valorizem a inclusão e o direito à comunicação de crianças com TEA.

2. REFERENCIAL TEORICO

2.1 O papel da CAA na construção da comunicação funcional no TEA

A comunicação é um dos principais desafios enfrentados por indivíduos com Transtorno do Espectro Autista, considerando que o TEA se caracteriza por déficits persistentes na interação social e padrões restritos de comportamento. O uso da Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA) representa um instrumento essencial na promoção da comunicação funcional, uma vez que possibilita ao sujeito autista expressar necessidades, emoções e pensamentos, mesmo diante de limitações na linguagem oral. Assim, as intervenções terapêuticas devem ser planejadas a partir das especificidades do sujeito, valorizando as diferentes formas de expressão e comunicação, o que converge com os princípios da CAA, que não busca substituir a fala, mas ampliar as possibilidades comunicativas e de participação social do indivíduo (SANDRI et al, 2024).

De acordo com Gillespie-Smith e Fletcher-Watson (2014), A Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA) desempenha papel fundamental na promoção da comunicação funcional em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), especialmente nos casos em que há comprometimento da linguagem verbal. Os sistemas de CAA, ao utilizarem recursos visuais como imagens, símbolos e dispositivos de saída de voz, possibilitam que a criança com TEA desenvolva formas de expressão mais eficazes, estimulando simultaneamente o desenvolvimento da fala e da interação social. Essa abordagem evidencia a relevância da mediação visual no processo comunicativo, considerando que pessoas com TEA frequentemente apresentam um processamento

visual diferenciado.

Sob a perspectiva psicopedagógica, a aplicação da CAA articula teoria e prática ao promover o desenvolvimento da linguagem e das funções cognitivas em contextos educacionais e clínicos. Conforme Fonseca e Schirmer (2020), o uso de tecnologias assistivas, como aplicativos de comunicação, constitui uma ferramenta inovadora que contribui para a aprendizagem e a autonomia de crianças autistas. A integração desses recursos no ambiente terapêutico, quando conduzida por profissionais capacitados, permite que o sujeito seja protagonista de seu processo comunicativo, fortalecendo sua autoconfiança e ampliando suas possibilidades de interação. Dessa forma, o psicopedagogo, ao incorporar a CAA em suas práticas, contribui não apenas para o avanço linguístico, mas também para o desenvolvimento emocional e social da criança com TEA.

Na dimensão clínica, a CAA deve ser compreendida como parte de um processo terapêutico contínuo, em que a comunicação é construída de forma funcional e contextualizada. Esse princípio se articula com os achados de Martins e Kortmann (2015), que apontam a importância de intervenções sistemáticas e individualizadas, capazes de envolver a família e o ambiente escolar no processo de estimulação da linguagem. A prática psicopedagógica, ao utilizar a CAA de maneira planejada e interdisciplinar, potencializa as competências comunicativas do indivíduo com TEA e favorece sua inclusão social, reafirmando o papel da comunicação como instrumento de desenvolvimento humano e interação social (Mirenda, 2008).

Para Chaves, Soares e Amorim (2023), a comunicação funcional constitui um dos principais objetivos do trabalho fonoaudiológico, especialmente quando se trata de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA) desempenha um papel essencial nesse contexto, pois oferece recursos que permitem ao sujeito expressar desejos, sentimentos e necessidades, mesmo na ausência ou limitação da fala oral. Os autores destacam que a avaliação precoce e a personalização das intervenções são determinantes para o sucesso terapêutico, visto que cada criança apresenta um perfil comunicativo singular. Assim, a CAA atua como mediadora entre a limitação expressiva e a necessidade de interação social, favorecendo o desenvolvimento linguístico e a autonomia comunicativa.

2.2 Tipos de sistemas de CAA e critérios para sua escolha

De acordo com Gillespie-Smith e Fletcher-

Watson (2014), os sistemas de Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA) desempenham um papel fundamental no apoio à comunicação de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), especialmente quando a linguagem verbal não é desenvolvida de maneira funcional. Esses sistemas podem incluir recursos visuais, símbolos gráficos e dispositivos de voz, que auxiliam na mediação da comunicação e na expressão de necessidades e emoções. A escolha do tipo de sistema de CAA deve considerar as habilidades cognitivas e perceptivas da criança, uma vez que a atenção visual e o processamento de estímulos visuais são aspectos centrais nesse processo.

Mirenda (2008) reforça que os sistemas de CAA são indispensáveis na intervenção com indivíduos com TEA que apresentam ausência ou limitação severa da fala. Esses recursos ampliam as possibilidades comunicativas, promovendo maior autonomia e inclusão. Na prática clínica e educacional, a utilização da CAA requer uma análise cuidadosa do perfil comunicativo e comportamental do sujeito, além da colaboração entre profissionais, família e escola. Dessa forma, a seleção do sistema adequado seja de baixa tecnologia, como cartões de figuras, ou de alta tecnologia, como aplicativos e tablets com síntese de voz deve ser guiada por critérios individualizados que considerem o contexto de uso e a responsividade da criança às estratégias apresentadas.

Já Fonseca e Schirmer (2020) destacam que a incorporação de tecnologias assistivas na forma de aplicativos para dispositivos móveis tem contribuído para a aprendizagem e a comunicação de crianças autistas, permitindo maior engajamento e acessibilidade. A aplicação desses sistemas na prática pedagógica e terapêutica exige, contudo, acompanhamento constante e ajustes de acordo com o progresso da criança. Portanto, a escolha e implementação de sistemas de CAA devem aliar teoria e prática, integrando conhecimentos sobre o desenvolvimento cognitivo e linguístico ao uso de recursos tecnológicos que favoreçam a interação e a construção de significados.

Souza, Reis e Britto (2023), a Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) desempenha papel essencial no apoio à comunicação de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Apraxia de Fala na Infância (AFI), condições que comprometem as habilidades linguísticas e motoras orais. A escolha do sistema de CAA deve estar alinhada às necessidades comunicativas e cognitivas da criança, considerando a presença de alterações práticas e sensoriais típicas desses quadros. Os autores destacam que, nos casos em que a praxia está prejudicada, a utilização de recursos visuais e táteis, como pranchas de figuras e dispositivos eletrônicos

com síntese de voz, favorece a compreensão e a expressão linguística, promovendo a interação social e a autonomia comunicativa.

Assim, conforme Fonseca, Abdalla e Melo (2024), o papel da CAA na construção da comunicação funcional no TEA está intrinsecamente ligado à perspectiva inclusiva e interdisciplinar da fonoaudiologia, que compreende o sujeito em sua totalidade e busca promover sua participação plena na sociedade. As autoras ressaltam que o uso consistente da CAA, aliado a intervenções terapêuticas contínuas, pode impulsionar o desenvolvimento da fala espontânea e da linguagem verbal, revelando o potencial comunicativo latente de cada indivíduo. Dessa forma, a CAA torna-se não apenas um instrumento terapêutico, mas um caminho de emancipação comunicativa, onde teoria e prática convergem para garantir o direito fundamental à comunicação e à expressão.

2.3 Impactos da CAA no desenvolvimento da linguagem e na interação social

O uso da Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA) tem se mostrado fundamental para o desenvolvimento da linguagem e para o fortalecimento das interações sociais de crianças com dificuldades comunicativas, especialmente aquelas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Segundo Chaves, a CAA amplia o repertório expressivo da criança ao oferecer recursos que permitem a comunicação funcional mesmo quando a fala está ausente ou limitada. Esses autores mostram que, ao fornecer um meio alternativo de expressão, a CAA reduz barreiras comunicativas e facilita o engajamento da criança em situações sociais cotidianas, promovendo participação ativa e diminuindo episódios de frustração decorrentes da dificuldade de se expressar (Soares e Amorim, 2023).

Gillespie-Smith e Fletcher-Watson (2014) destacam que o uso de elementos visuais, simbólicos e estruturados na CAA possibilita que crianças com TEA encontrem maneiras mais acessíveis de organizar e compreender informações linguísticas. Como muitos indivíduos com TEA apresentam um perfil cognitivo predominantemente visual, o uso de pranchas, figuras e sistemas de comunicação assistida favorece a internalização de significados e estimula tanto a linguagem receptiva quanto a expressiva. Dessa forma, a CAA não substitui a comunicação oral, mas atua como mediadora do processo, permitindo que a criança desenvolva habilidades comunicativas que, posteriormente, podem apoiar a emergência da fala.

Fonseca e Schirmer (2020) ressaltam que dispositivos tecnológicos, aplicativos e tablets com sistemas de comunicação têm ampliado

significativamente o acesso das crianças a diferentes formas de expressão. Esses recursos digitais, por integrarem imagens, sons e voz sintetizada, facilitam o diálogo entre criança e mediador, fortalecendo o vínculo comunicativo e contribuindo para avanços no comportamento social. Além disso, o uso de tecnologia assistiva aumenta o interesse da criança em participar das atividades pedagógicas, o que favorece tanto o desenvolvimento linguístico quanto a inclusão escolar. Assim, a CAA torna-se uma ferramenta estratégica no processo de mediação entre linguagem, aprendizagem e convivência social.

Martins e Kortmann (2015) afirmam que a CAA, quando inserida em intervenções psicopedagógicas e fonoaudiológicas, promove não apenas o desenvolvimento da linguagem, mas também o fortalecimento das habilidades socioemocionais. As atividades mediadas pela CAA, como jogos simbólicos, trocas comunicativas e dinâmicas de interação, contribuem para a construção do vínculo afetivo e para o interesse em compartilhar experiências. Nesse sentido, a comunicação deixa de ser apenas funcional e passa a assumir um papel relacional, incentivando a criança a olhar, responder, iniciar diálogos e construir significados em conjunto com o outro, o que impacta diretamente sua adaptação social.

Outro ponto importante é apresentado por Souza, Reis e Britto (2023), que demonstram que a CAA é especialmente benéfica em casos em que há alterações práxicas e motoras, como na Apraxia de Fala na Infância (AFI). Nessas situações, a fala não se desenvolve apenas por meio de estimulação oral, sendo necessário oferecer caminhos alternativos para que a criança compreenda e produza linguagem. Os recursos visuais, táteis e auditivos da CAA ajudam a compensar essas limitações, diminuindo a ansiedade comunicativa e promovendo a autonomia. Ao permitir que a criança expresse desejos e necessidades, esses dispositivos fortalecem sua participação social e ampliam suas oportunidades de interação significativa com o ambiente.

Segundo Homem (2021), a CAA possibilita que crianças com TEA, TDL ou AFI tenham acesso a meios multimodais de comunicação que valorizam suas potencialidades e respeitam seus ritmos de aprendizagem. A autora enfatiza que os impactos positivos da CAA dependem de um diagnóstico bem elaborado e de uma intervenção interdisciplinar que envolva família, escola e profissionais da saúde. Quando utilizada de maneira consistente e planejada, a CAA aumenta significativamente a autonomia e o engajamento social da criança, permitindo que ela participe de forma mais ativa das interações cotidianas e desenvolva competências linguísticas essenciais.

Nessa perspectiva, observa-se que a CAA

não atua apenas como suporte linguístico, mas como ferramenta transformadora no desenvolvimento global de crianças com dificuldades comunicativas. Ao possibilitar que elas se expressem de maneira mais clara, a CAA contribui para a redução de comportamentos de frustração, melhora o comportamento adaptativo e aumenta a participação em atividades sociais. A interação mediada pela CAA fortalece as habilidades socioemocionais, promove o sentimento de pertencimento e amplia as possibilidades de aprendizagem, evidenciando que sua implementação tem impacto direto na qualidade de vida da criança e da família.

Por fim, os estudos revisados demonstram que os impactos da CAA no desenvolvimento da linguagem e na interação social são amplos, progressivos e interdependentes. Seus benefícios se manifestam tanto no âmbito linguístico quanto no emocional, cognitivo e social, reforçando a necessidade de sua utilização precoce e interdisciplinar. Assim, a CAA deve ser compreendida como um direito comunicativo, capaz de promover participação ativa, inclusão escolar e desenvolvimento integral, especialmente em crianças com TEA e outras condições que afetam a linguagem e a comunicação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados obtidos evidenciam que o uso da Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA) constitui um recurso essencial para o desenvolvimento da linguagem e para a ampliação das interações sociais de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A partir da análise teórica e da prática relatada, observou-se que os diferentes autores convergem quanto à relevância da CAA para promover a comunicação funcional, reduzir barreiras comunicativas e favorecer a autonomia comunicativa dos sujeitos.

Sob a perspectiva de Gillespie-Smith e Fletcher-Watson (2014), a CAA mostra-se eficaz ao integrar recursos visuais e simbólicos que facilitam tanto a recepção quanto a expressão linguística. Esses elementos, quando aplicados na prática, demonstraram potencial para melhorar o engajamento social e a compreensão da criança, fortalecendo o vínculo comunicativo com familiares e profissionais. Tal constatação se confirmou no estudo, uma vez que o uso consistente de símbolos, imagens e dispositivos eletrônicos permitiu avanços graduais na comunicação espontânea e no interesse da criança em participar das interações cotidianas.

Autores como Fonseca e Schirmer (2020) destacam que a tecnologia assistiva amplia o repertório comunicativo e promove maior acessibilidade no ambiente escolar. Os resultados indicaram que aplicativos de comunicação quando

utilizados de forma orientada aumentaram o engajamento da criança, favoreceram a compreensão de comandos e contribuíram para a melhoria do comportamento social. Entretanto, também emergiram limitações, como a dependência inicial dos recursos digitais e a necessidade de capacitação contínua dos mediadores, o que reforça a importância de formação adequada para pais, professores e profissionais da saúde.

A partir da análise dos apontamentos de Martins e Kortmann (2015), verificou-se que a intervenção psicopedagógica apoiada na CAA promove avanços não apenas linguísticos, mas também socioemocionais. Os resultados apontaram que atividades lúdicas mediadas pela CAA estimularam a interação, o olhar compartilhado e o interesse pelo diálogo, o que confirma a eficácia desse tipo de abordagem. Contudo, observou-se que tais ganhos dependem do planejamento interdisciplinar e da continuidade das intervenções, sendo este um dos desafios mais recorrentes na prática.

Os estudos de Chaves, Soares e Amorim (2023) corroboram que a personalização das estratégias de CAA é determinante para o sucesso terapêutico. No presente estudo, verificou-se que adaptações nas pranchas de comunicação e nos dispositivos foram necessárias para atender ao perfil sensorial e cognitivo da criança. Como ponto positivo, a adaptação individualizada aumentou a responsividade e a iniciativa comunicativa; por outro lado, a necessidade constante de ajustes evidenciou que a implementação da CAA é um processo dinâmico, que exige acompanhamento frequente e avaliação contínua.

Outro ponto relevante foi trazido por Souza, Reis e Britto (2023), ao enfatizar a importância da CAA nos casos em que existem alterações práxicas e motoras. Os resultados confirmaram que o uso de recursos visuais e táteis pode compensar dificuldades na fala motora, ampliando as possibilidades de expressão e reduzindo a frustração da criança. Ainda assim, observou-se que a introdução desses recursos requer sensibilidade para evitar sobrecarga sensorial, especialmente entre crianças com TEA que apresentam hipersensibilidades.

Finalmente, conforme destacado por Homem (2021), os resultados demonstraram que a CAA contribui significativamente para a autonomia comunicativa, especialmente quando o processo é interdisciplinar e amparado por avaliação diagnóstica precisa. A atuação coordenada entre família, escola e terapeutas mostrou-se um dos fatores mais positivos do estudo, embora ainda se observe como ponto de melhoria a necessidade de maior alinhamento entre os ambientes, garantindo

que os sistemas de comunicação sejam utilizados de forma uniforme e contínua.

De forma geral, os resultados confirmam que a CAA é um instrumento transformador quando teoria e prática se integram. Entre os pontos positivos, destacam-se o aumento da participação social, a redução de comportamentos de frustração, a melhora na compreensão linguística e a ampliação da expressividade. Entre os pontos negativos, foram identificados a falta de formação dos mediadores, a inconsistência no uso dos recursos e a dependência inicial da tecnologia. Como pontos de melhoria, evidenciam-se a necessidade de capacitação permanente, a uniformização do uso da CAA nos diferentes ambientes da criança e o aperfeiçoamento contínuo das estratégias a partir da observação clínica e pedagógica.

Assim, os resultados reforçam que a CAA não deve ser vista apenas como um dispositivo terapêutico, mas como uma abordagem inclusiva e interdisciplinar que assegura o direito à comunicação e promove avanços significativos no desenvolvimento global de crianças com TEA.

4. CONCLUSÕES

A análise dos achados apresentados revela que o uso da Comunicação Alternativa e Ampliada possui implicações profundas e altamente positivas para o desenvolvimento da linguagem e para a ampliação das interações sociais de crianças com Transtorno do Espectro Autista. A interpretação dos resultados indica que a CAA atua como mediadora fundamental entre os déficits comunicativos característicos do TEA e as demandas de interação impostas pelos contextos familiar, escolar e terapêutico, permitindo que a criança conquiste meios mais eficazes de expressão, compreensão e participação no meio em que está inserida.

Os dados evidenciam que, ao integrar recursos visuais, simbólicos e tecnológicos, a CAA não apenas facilita a comunicação funcional imediata, mas também promove condições favoráveis ao desenvolvimento da fala, ao engajamento social e à construção de vínculos afetivos mais consistentes. Esses avanços reforçam que o impacto da CAA transcende a linguagem, alcançando também dimensões socioemocionais e comportamentais que são essenciais ao processo de desenvolvimento humano.

A interpretação dos resultados também demonstra que a eficácia da CAA depende diretamente da personalização das estratégias, da continuidade das intervenções e do envolvimento ativo dos mediadores, incluindo família, escola e profissionais de diferentes áreas. A necessidade de ajustes constantes nos recursos utilizados evidenciar que a comunicação no TEA é um fenômeno

dinâmico e multifatorial, o que reforça a importância de avaliações contínuas e decisões terapêuticas fundamentadas no perfil individual da criança. Observou-se que, quando as adaptações são bem planejadas, há aumento significativo da responsividade, da iniciativa comunicativa e da autonomia do sujeito, embora desafios persistam, como a falta de capacitação adequada dos mediadores e a inconsistência no uso dos recursos em diferentes ambientes.

Esses achados indicam implicações práticas importantes, como a urgência em promover formação continuada para pais e profissionais, bem como a necessidade de políticas educacionais e terapêuticas que promovam a padronização do uso da CAA.

Em termos de relevância, os resultados confirmam que a CAA representa uma abordagem indispensável no contexto do TEA, não apenas pela possibilidade de suprir ou compensar déficits comunicativos, mas sobretudo por garantir o acesso ao direito à comunicação, à participação social e à construção da autonomia. A CAA se revela uma ponte entre a criança e o mundo, permitindo que ela manifeste intenções, desejos e emoções de forma mais clara e eficaz, reduzindo frustrações e ampliando sua capacidade de se relacionar com o outro.

As possíveis aplicações desses achados abrangem desde a prática clínica e psicopedagógica até o ambiente escolar, mostrando que sistemas de CAA podem ser incorporados como ferramentas permanentes de ensino, inclusão e desenvolvimento. Além disso, a tecnologia assistiva desponta como uma área promissora, capaz de expandir ainda mais as possibilidades de comunicação, desde que empregada de forma crítica, ética e orientada.

Portanto, as considerações finais indicam que a Comunicação Alternativa e Ampliada deve ser compreendida como uma abordagem global, flexível e interdisciplinar, capaz de transformar profundamente o percurso comunicativo e social de crianças com TEA. A consolidação de seus benefícios depende do compromisso contínuo com a personalização das estratégias, da integração dos ambientes de convivência e da formação adequada dos profissionais envolvidos.

Os resultados analisados apontam para um cenário em que a CAA não apenas aprimora habilidades linguísticas, mas promove inclusão, autonomia e qualidade de vida, reafirmando sua importância como recurso essencial no desenvolvimento humano e na efetivação dos direitos comunicativos de crianças autistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAVES, Izabela Maria Cavalcante Martins;

SOARES, Jorciane da Conceição Costa; AMORIM, Berteson Jorge Leite. Fonoaudiologia infantil: superando desafios de linguagem e fala. **Revista Foco**, Curitiba, v. 16, n. 11, p. 1–21, 2023.

FONSECA, J. T. R.; SCHIRMER, C. R. Tecnologia Assistiva: aplicativos para dispositivos móveis, uma contribuição tecnológica para aprendizagem de crianças autistas. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, v. 17, n. 51, p. 155-175, 2020.

GILLESPIE-SMITH, K.; FLETCHER-WATSON, S. Designing AAC Systems for Children with Autism: Evidence from Eye Tracking Research. **Augmentative and Alternative Communication**, v. 30, n. 2, p. 160–171, 2014.

MIRENDA, P. *Autism Spectrum Disorders and AAC*. Paul H. Brookes Publishing, Baltimore, 2008.

MARTINS, C.; KORTMANN, G. L. Recorte da experiência psicopedagógica clínica: possibilidades de aplicação do inventário portage operacionalizado com sujeito com transtorno do espectro autista. *Diálogo, Canoas*, n. 28, p. 24-40, 2015.

FONSECA, J. T. R.; SCHIRMER, C. R. Tecnologia Assistiva: aplicativos para dispositivos móveis, uma contribuição tecnológica para aprendizagem de crianças autistas. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, [S. l.], v. 17, n. 51, p. 155–175, 2020.

GILLESPIE-SMITH, K.; FLETCHER-WATSON, S. Designing AAC Systems for Children with Autism: Evidence from Eye Tracking Research. *Augment Altern Commun*, [S.l.], v. 30, n. 2, p. 160–171, 2014.

MIRENDA, P. *Autism Spectrum Disorders and AAC*. Paul Brooks, Baltimore, MD, 2008.

FONSECA, J. T. R.; SCHIRMER, C. R. Tecnologia Assistiva: aplicativos para dispositivos móveis, uma contribuição tecnológica para aprendizagem de crianças autistas. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 17, n. 51, p. 155-175, 2020.

GILLESPIE-SMITH, K.; FLETCHER-WATSON, S. Designing AAC Systems for Children with Autism: Evidence from Eye Tracking Research. **Augmentative and Alternative Communication**, [S. l.], v. 30, n. 2, p. 160–171, 2014.

HOMEM, Karina Lopes. Importância do diagnóstico diferencial no tratamento do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), Transtorno do Desenvolvimento de Linguagem (TDL) e Apraxia de Fala na Infância (AFI). **Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas**, Belo Horizonte, 2021.

MARTINS, C.; KORTMANN, G. L. Recorte da experiência psicopedagógica clínica: possibilidades de aplicação do inventário Portage operacionalizado com sujeito com transtorno do espectro autista. *Diálogo, Canoas*, n. 28, p. 24–40, 2015.

SANDRI, Juliana Vieira de Araújo; CHESANI, Fabíola Hermes; BOSSARDI, Carina Nunes; GOUVEA, Pollyana Bortholazzi; HENS, Kristien. O significado e as consequências do diagnóstico de autismo no Brasil. **Boletim de Conjuntura (BOCA), Boa Vista**, v. 19, n. 56, p. 184-213, 2024.

SOUZA, Jalili Ferreira de; REIS, Ana Cecília de Oliveira; BRITTO, Denise Brandão de Oliveira. Apraxia de fala na infância e transtorno do espectro do autismo: revisão integrativa. *Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, v. 35, n. 3, p. e58568, 2023.